

Repelentes à base de plantas no combate ao *Aedes aegypti*: uma revisão sistemática

Amanda V. Barbosa¹, Mayrla de S. Coutinho², Daniel A. Oliveira³, Ellen T. S. Andrade⁴, Cristina R. F. de Araújo⁵.

¹ Estudante de Medicina na Universidade Federal de Campina Grande e bolsista pelo programa PET/Conexões de Saberes - Fitoterapia, Rua Aprígio Veloso, 882- Bairro universitário, Campina Grande – PB; CEP: 58429-900. Email: amandavbarbosa@hotmail.com. ² Mestranda em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba. ³ Estudante de Medicina na Universidade Federal de Campina Grande e bolsista pelo programa PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia. ⁴ E Estudante de Medicina na Universidade Federal de Campina Grande e bolsista pelo programa PET/Conexões de Saberes - Fitoterapia ⁵ Prof. Dra. dos cursos de Enfermagem e Medicina e Tutora do PET/Conexões de Saberes - Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande.

O *Aedes aegypti* é um mosquito da família Culicidae e, no Brasil, é o vetor de quatro doenças virais: Dengue, Chikungunya, Febre amarela e Zika. Esta última apresentou uma consequência inesperada na população brasileira: o crescente número de casos de nascimento de crianças com a síndrome congênita do Zika vírus, (que entre suas características pode se encontrada a microcefalia), filhos de mulheres que contraíram este vírus durante a gravidez. Isto levou a um aumento do número de vendas de repelentes. A ANVISA recomenda os seguintes repelentes para gestantes: DEET, Icaridin ou Picaridin, e EBAAP ou IR3535, além de óleos, como Citronela. Todavia, a cultura popular acredita que muitas plantas podem ser usadas como repelentes. O objetivo foi verificar, na literatura, os dados sobre eficácia e segurança de plantas utilizadas com o propósito de repelir o *Aedes aegypti*. Foi realizada pesquisa nas bases de dados MEDLINE, Web of Science, PubMed e LILACS. Os descritores utilizados foram: “Repelentes de Insetos”, “Aedes”, “Plantas Medicinais”, “Plantas”. Foram critérios de elegibilidade: estudos em humanos, em inglês, português e espanhol, publicados de janeiro de 2010 a abril de 2016. Após um extensivo trabalho de leitura e revisão dos artigos encontrados nas buscas, 9 artigos foram incluídos nesta revisão. Em cada estudo elegido foi analisada a espécie da planta utilizada, extrato, parte do corpo exposta ao mosquito, tempo de proteção ou porcentagem de repelência e a conclusão dos autores, tendo o controle positivo por DEET. No total, 24 plantas foram analisadas. Apenas a *Angelica sinensis* teve tempo de proteção maior que o DEET. O extrato com álcool etil da *Citrus sinensis*, assim como da *Eucalyptus citriodora*, ambos associados com *Syzygium aromaticum* não tiveram eficiência nenhuma na proteção como repelentes. Extratos com solvente a base de hexano (*Angelica sinensis*) e metanol (*Andrographis paniculata* e *Eclipta alba*) foram superiores na eficácia. Foi observado em todas as plantas que quanto maior a concentração do extrato usado maior a sua eficácia. As outras plantas oscilaram entre 150 a 180 minutos de proteção, apenas a *Artemisia nilagirica* teve período médio de proteção de 90 minutos com extrato a base de metanol. Foi possível observar que as plantas têm poder repelente contra o *Aedes aegypti* devendo seus óleos essenciais serem melhor estudados para aperfeiçoamento e comercialização. Não foram evidenciados efeitos adversos e de toxicidade durante os estudos. Observaram-se poucas publicações tratando de plantas

brasileiras, sugerindo-se que estudos devem ser realizados para maior conhecimento do potencial da flora regional.

Palavras Chave: fitoterapia, zika vírus, repelentes, síndrome congênita do Zika vírus.

Apoio: FNDE através do programa PET-Conexões de Saberes.